

FAVORÁVEL E FAVORECIDO FAMÍLIA CHEDE E SUA COMPOSIÇÃO DE ACERTOS

André Kron Marques Zapani¹

Resumo: A família Chede teve destacada participação no cenário paranaense no século passado, principalmente em inserções na sociedade política, no campo jurídico privado, no empresariado e de forma pioneira no campo midiático, fundando a primeira emissora de televisão do estado Paranaense. A conquista e a manutenção desses capitais foram baseados nas relações formais e informais dessa família de imigrantes libaneses que chegaram ao país no início do século passado e que desde meados da década de 1950 se insere nas idiosincrasias da classe dominante. Este artigo visa analisar de que forma as relações familiares e sobretudo de parentela contribuíram para a consolidação dos Chede como protagonistas da sociedade paranaense.

Palavras-chave: Chede. Família. Capital. Midia. Parentela

FAVORABLE AND FAVORED CHEDE FAMILY AND ITS COMPOSITION OF RIGHTS

Abstract: Chede family played an outstanding role in the Paraná scenario in the last century, mainly in insertions in political society, in the private legal field, in business and in a pioneering way in the media field, founding the first television station in the state of Paraná. The conquest and maintenance of these capitals were based on the formal and informal relations of this family of Lebanese immigrants who arrived in the country at the beginning of the last century and who since 1950 are part of the idiosyncrasies of the ruling class. This article aims to analyze how family and, above all, kin relationships contributed to the consolidation of the Chede as protagonists of Paraná society.

Keywords: Family. Capital. Media. Kinship

Família e o surgimento de novos capitais

O casal libanês Chede Abraão e Rosa Daher Abraão chegou ao Brasil em razão da presença de uma irmã de Abraão que já morava no país e que era casada com Jorge Barbosa, uma das mais ricas famílias de Paranaguá no início do século passado. O casal foi estabelecer residência no município de

¹ Doutor em Sociologia (UFPR), integrante do Núcleo de Estudos Paranaenses (NEP/UFPR) e do grupo de pesquisa em Políticas e Economia da Informação e da Comunicação (PEIC/UFRJ). E-mail: andrekron@gmail.com

Palmeira², em 1903, por intermediação do influente egípcio Nacim Bacila³, um dos “donos da cidade, mandava até na estrada de ferro.” (CHEDE, 1993). O patriarca era muito próximo da família libanesa Jafet, fundadora da paulistana Rua 25 de Março (1890), criadora do Hospital Sírío-Libanês (1921) e proprietária de onze usinas têxteis e siderúrgicas. Abraão foi um comerciante atacadista e distribuidor de tecidos para todo o estado paranaense. Junto com Rosa tiveram seis filhos - João, Nagibe, Dahir, Tuffy, Nasila e Syria (figura 1)

João Chede Abraão foi casado com Nella Menghini e juntos tiveram Jonel Chede. Nella é filha do comerciante imigrante italiano Rizieri Menghini e de Hermenegilda Menghini que tiveram mais seis filhos (Oscar, Romualdo, Nardo, Nello, Suzana e Antenor). João foi comerciante renomado e sócio da empresa Chede e Cia; presidente do Ypiranga Futebol Clube, time de futebol da sua cidade natal (Palmeira), onde também foi prefeito durante todo o mandato de Manoel Ribas, interventor do estado paranaense e seu grande amigo e padrinho político. A proximidade entre ambos pode ser exemplificada em diversas passagens, entre elas o episódio em que o capitão Catão Menna Barreto tentou depor João Chede por meio de uma força armada das funções de prefeito ora empossado. Em resposta ao militar, Manoel Ribas enviou-lhe um telegrama com o seguinte enérgico despacho:

Aconselho, em resposta ao vosso telegrama, a dedicar vossa atenção ao trabalho, não perturbando a tranquilidade e não tomando o tempo de quem cumpre com o seu dever. Recomendo ao Chefe de Polícia toda severidade com quaisquer elementos que persistam em suas ideias nocivas, em alarmar a população desse município. As pessoas que assinaram o telegrama supra serão responsáveis por qualquer alteração que chegue ao meu conhecimento. (O DIA, p.8, 1933).

João Chede foi também vereador e deputado estadual por dois mandatos (1947-1954), sendo que no primeiro certame, que teve o amigo Lupion vencedor ao cargo de governador, foi eleito o candidato mais votado (3.265) e o banqueiro Avelino Vieira, amigo da família, o quarto. Neste

² Município localizado na região dos Campos Gerais, em torno de 85 km de Curitiba, com população estimada, segundo o censo do IBGE de 2010, de 33.757 habitantes. A cidade faz limite com Ponta Grossa, Campo Largo, Porto Amazonas, Lapa, São João do Triunfo, Balsa Nova e Teixeira Soares. No município, em 1890, foi instalada a Colônia Cecília, primeira comuna experimental baseada nas premissas do anarquismo no Brasil.

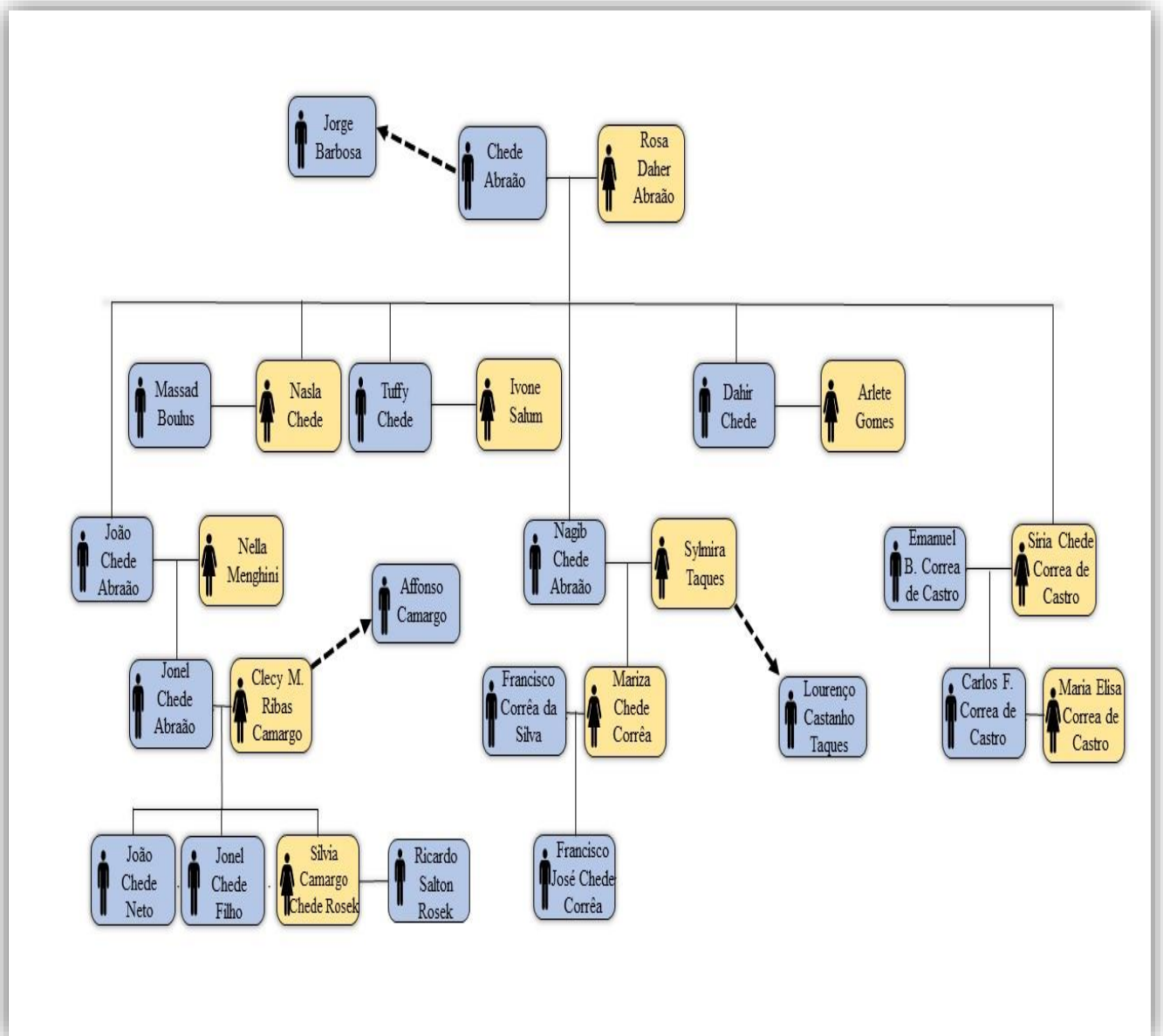
³ Imigra para o Brasil na segunda metade da década de 1890, se estabelecendo em Mococa, São Paulo. Chega em Palmeira, entre 1893 e 1895, onde veio a se tornar um grande e rico comerciante de madeira, erva-mate, pecuária bovina, azeitonas, glebas de terra, terrenos urbanos e casas. Fundador do cinema em Palmeira, foi proprietário de terras em Palmeira, Guarapuava, Ponta Grossa e Campo Largo. (SAHD, 2007). Alguns integrantes dessa família ingressaram na vida política: Gabriel Bacila, prefeito de Palmeira (1935-1936); Solange Vera Bacila Acras, presidente da Câmara Legislativa Municipal em 1997; e Álvaro Bacila, vice-prefeito (2005-2008).

mandato, também foi nomeado presidente da Assembleia durante a Constituinte de 1947. Mais à frente, em 1970, foi indicado para ser conselheiro efetivo da Paranatur, Secretaria Estadual de Turismo.

O filho Jonel nasceu em Palmeira, foi graduado em engenharia química, especialista em siderurgia, gerente técnico da usina São José (pertencente à família Jafet), professor da Universidade Federal do Paraná, diretor do Clube Atlético Ferroviário, empresário do ramo hoteleiro e de varejo de combustíveis, presidente da Associação Comercial do Paraná (1998-2000), presidente do Movimento Pró-Paraná (2009-2015) e conselheiro do Instituto de Tecnologia para o Desenvolvimento (Lactec), da Associação Brasileira de Investidores Minoritários do Grupo Bamerindus e do Centro de Convenções de Curitiba. Casou-se com Clecy Maria Ribas Camargo Chede, em 1963, tendo Frederico Jafet como padrinho. Da união nasceram João Chede Neto (empresário), Jonel Chede Filho (casado com Adriane Zelinski Chede) e Silvia Amélia de Camargo Chede Salton Rosek (casado com Ricardo Salton Rosek, gerente do Departamento de Gestão Tecnológica do Instituto Lactec, instituição que seu sogro é conselheiro).

Sua esposa Clecy, membro das tradicionais famílias Ribas e Camargo, é filha de Amélia Correia Camargo e Antenor Ribas Camargo. Esse é primo de Affonso Alves de Camargo, presidente do Paraná (1916-1920), que é filho de Pedro Alves da Rocha Loures e Francisca de Camargo e avô de Affonso Alves de Camargo Neto, deputado federal (1995-2011), senador (1979-1995), vice-governador (1964-1965), ministro dos Transportes (1985-1986) e das Comunicações (1991).

FIGURA 1 – GENEALOGIA DE CHEDE ABRAÃO (PAI DE NAGIB CHEDE)



Fonte: Zapani (2021)

O ramo familiar Camargo em razão de sua tradição histórica e amplitude numérica perpassa por outros nomes da sociedade paranaense, onde se encontram Heliantho Guimarães Camargo (desembargador e presidente TJ-PR), pai de Cresus Coutinho de Camargo (serventuário da Justiça, titular de cartório) e Clayton Coutinho de Camargo (desembargador e presidente TJ-PR) e avô de Fábio Camargo (vereador, deputado estadual, conselheiro e presidente do TCE-PR). Além disso, incluem-se mais remotamente alguns nomes: Francisco Solano Alves Camargo (coronel latifundiário de Guarapuava e irmão de Affonso Camargo), o padre convertido José Antonio de Camargo e Araújo⁴ (tio paterno de Clecy e parente próximo de Heliantho), deputado provincial por dezoito anos, vereador por onze e presidente da Câmara da Vila de Palmeira, irmão do grande proprietário rural e comandante da Guarda Nacional em Guarapuava, Antônio de Sá Camargo (visconde de Guarapuava), coronel chefe da Guarda Nacional no Paraná, que é neto dos fundadores de Palmeira e genro do barão e da viscondessa de Tibagi, Querubina Marcondes de Sá).

Com relação aos outros filhos de Chede e Rosa, a obtenção de dados mais apurados foram exíguos, Tuffy Chede foi casado com Ivone Salum Chede; Dahir Chede, médico em São Pulo, foi casado com Arlete Gomes Chede; Nasla Chede foi casada com Massad Boulus⁵ e Syria Chede Correa de Castro, tida como a grande dama da filantropia paranaense, foi casada com Emmanuel Bittencourt

⁴ O padre José Camargo foi protagonista de um caso curioso e talvez inédito de reversão ao mundo secular, chegando a se assemelhar a um conto de folhetim que transcrevo em parte o texto de Luiz Romaguera Netto. “Em 1918, nasceu na Freguesia da Vila Nova da Palmeira [...]. Já era moço, quando seu irmão mais velho, Antônio de Sá Camargo (mais tarde Visconde de Guarapuava) propôs a seus pais que fosse enviado a São Paulo para estudar, de vez que todos os outros não tiveram essa oportunidade, sendo que ele demonstrava pendores pela vida eclesiástica. Os anos se passaram e, finalmente, em 8 de dezembro de 1848, assume a Paróquia da Freguesia o padre Camargo, coroando de êxito todas as expectativas da família, que queria ver o filho e irmão à frente da igreja. A alegria foi imensa! A vida corria normalmente, quando, um belo domingo, ao officiar a santa missa, notou linda menina moça, desconhecida de todos da cidade [...]. A menina moça despertou dentro dele o desejo, acendendo a paixão. Assim, soube, desde a primeira vez que a viu, que o amor tinha lhe tocado, mexido com o seu mais íntimo sentimento. Gertrudes (esse era o seu nome), com o coração batendo apressadamente, dirigiu-se ao confessor, sem saber exatamente o que fazer. Daí para frente, contam que o confessor, ficou sendo o ponto de encontro dos dois. Foi assim que conheceu a intenção dos pais dela em realizar o seu casamento com um dos rapazes da Colônia de São Leopoldo — RS, filho de amigos e companheiros desde a viagem da Alemanha para o Brasil. Como ela não queria isto, tinha vindo com um tio e dois de seus irmãos para a 5ª Província de São Paulo. O noivo, não se conformando, veio atrás da prometida para oficializar o enlace. Alguns dias antes do casamento, ela foi ao confessor, onde declarou o seu amor pelo padre. Combinaram então a fuga para viverem juntos. Ele vacilou... e, na hora H, celebrou o casamento de Gertrudes com o outro, iniciando-se uma grande festa com um baile. José Antônio com o coração partido e vendo a tristeza da noiva, ao sair lhe confidenciou que, quando todos estivessem entretidos com o baile, viria lhe buscar. À noite, montado em seu cavalo, aproxima-se da casa. Lá estava Gertrudes a lhe esperar. Dando-lhe a mão, ajuda-a a montar em sua garupa e, cobrindo-lhe com uma longa capa, partem a galope afastando-se da casa, ao encontro de seus destinos. Esta história — que parece irreal - aconteceu no ano de 1849 na Freguesia da Palmeira e foi o início de uma grande parte da família Camargo no Paraná”. (ROMAGUERA NETTO, 2014).

⁵ Foram encontradas somente as seguintes informações sobre Mossad, “Michael Boulous, the son of Lebanese business tycoon Massad Boulous, grew up in Nigeria, where his father runs Boulous Enterprises and SCOA Nigeria, a multi-billion-dollar conglomerate that trades in vehicles, equipment, retail and construction.” (ARAB NEWS, 2019). No entanto não pude validar ser o mesmo.

Correa de Castro, superintendente de alto escalão do Banco do Brasil, e tiveram Carlos Fernando Correa de Castro – advogado formado pela UFPR (1960), advogou para o Banco do Estado do Paraná; professor titular de Direito Civil e diretor da Faculdade de Direito da PUC-PR; presidente do Instituto dos Advogados do Paraná (1983-1985); juiz do TRE-PR por quatro mandatos e presidente do Tribunal de Ética e Disciplina da OAB-PR.

Parentela e o início dos arranjos midiáticos no Paraná

O último filho de Chede e Rosa a ser estudado é o um dos protagonistas da genealogia Chede, Nagibe Chede Abraão⁶ – nascido em Palmeira, formou-se em Direito pela Universidade do Paraná, turma de 1935, ingressou na OAB (nº de registro 209) e trabalhou inicialmente com corretagem de seguros e direito tributário por doze anos. Foi descrito à época como “um homem, com uma fortuna laboralmente construída, através de suas empresas específicas, e sendo uma das mais elevadas expressões das *classes conservadoras paranaenses*.” (A DIVULGAÇÃO, p. 17, 1961, grifo meu). Foi casado com Sylmira Taques Chede, descendente da tradicional família Taques⁷, com que teve Mariza Chede Correia. Essa é casada com o advogado Francisco José Correia da Silva, filho do renomado advogado gaúcho José Correia da Silva com Jurema Lopes Correia da Silva.

A trajetória de vida de Nagibe teve aderência entre os campos jurídico, empresarial e midiático, tendo esse mais projeção e pioneirismo, todavia essa sobreposição o fez adquirir capitais que o permitiu transitar entre diversos espaços de decisão e ampliar seus laços sociais.

Logo após concluir o curso de graduação, foi nomeado para o cargo de Inspetor Federal do Ensino Secundário (1935-1946) por intermédio do seu amigo Manoel Ribas⁸ que requereu exitosamente ao Ministro da Educação do governo Getúlio Vargas, Gustavo Capanema.

⁶ É importante fazermos uma observação no prosseguimento na análise da trajetória do protagonista dessa família, Nagib Chede Abraão. É relevante destacar que seu sobrenome é Abraão e Nagib Chede, prenome composto. Todavia, tanto ele quanto seus irmãos, são reconhecidos por Chede, mencionando o sobrenome apenas em documentos oficiais. Essa opção pode causar algumas associações errôneas dos (Chede) Abraão com a família de sobrenome Chede que vive no Paraná e em Santa Catarina (como por exemplo Dieb João Chede, Felipe Chede).

⁷ Seus pais foram o coronel veterinário Sylvio Ribeiro Taques e Almira Barth Taques. Família tradicional que atravessou toda a historiografia brasileira desde o período colonial com o bandeirante Lourenço Castanho Taques, passando por Pedro Taques de Almeida Pais Leme, tetranelo de Brás Cubas, o coronel, prefeito de Tibagi e deputado estadual José Borges Taques Filho, entre outros mais. Ver Negrão (1946, v.5)

⁸ “Maneco Facão”, filho do Comendador Augusto Lustoza de Andrade Ribas e de Maria Conceição Branco de Carvalho, foi eleito prefeito de Santa Maria/RS (1928-1932), época que Getúlio Vargas era governador do Rio Grande do Sul. Durante o período getulino na presidência permaneceu durante quatorze anos à frente do governo paranaense como interventor nos períodos de 1932 a 1934 e de 1937 a 1945 e como governador entre 1935 e 1937, tornando-se até o hoje o governante de mandato mais longínquo.

Em 1935 quando eu me formei e em seguida me casei, era muito amigo do interventor daquela época, falecido Manoel Ribas. Um dia ela me chamou, “você casou e precisa ter um emprego fixo, veja aí o que você quer”. Eu saí à procura e me informaram que a Inspeção Federal de Ensino Secundário do Colégio Marista estava vago, eu não me lembro bem o ex-titular que saiu. Aí eu voltei lá e disse, “Seu Ribas, tem uma vaga assim, assim, assim, isso depende exclusivamente da nomeação do Presidente da República através do Ministério da Educação”. Ele imediatamente fez um telegrama ao Ministro da Educação [...] e não demorou quinze dias para o Getúlio me nomear para a função.” (CHEDE, 1985).

Sua vida midiática teve seu epílogo ainda nos bancos universitários, no jornal estudantil *O Combate*. No entanto, sua trajetória na comunicação comercial se iniciou em 1948 quando fundou a Sociedade Rádio Emissora Paranaense Ltda., em São José dos Pinhais, município vizinho a Curitiba, a quarta⁹ emissora do estado, com o apoio do deputado federal e amigo Lauro Lopes¹⁰ que intermediou junto ao governo federal essa concessão. Anos seguintes, o estúdio da emissora foi transferido para a capital paranaense.

Em razão do término da gestão do interventor, Chede foi um dos coordenadores da campanha sucessória de seu amigo de longa data Moises Lupion (inclusive foi um dos seus clientes quando advogava) na vaga de Ribas, atitude esperada face às ajudas por ele recebido e pela relação de proximidade entre ambos, bem como seu irmão João Chede foi o deputado estadual mais votado, tornando-se em seguida líder do governo e presidente da Assembleia.

A troca de favores entre os protagonistas desses fatos acima narrados encontrou de forma pioneira reverberação no interior do campo midiático, inclusive em capítulos ainda iniciais da história da radiodifusão no estado paranaense. Abaixo segue um trecho de uma entrevista com Nagib que comenta a cessão da coisa pública em forma de benesse privada por ocasião da exitosa campanha eleitoral de seu amigo Lupion, em 1947:

Ele [Lupion] foi muito correto comigo. Eu o ajudei muito na campanha dele. Inclusive através do meu irmão [João Chede, que tinha prestígio político].

Eu me lembro [...] que logo que o Tribunal [Regional Eleitoral] anunciou a vitória dele, a primeira pessoa que ele chamou fui eu e dissera:

“- Nagibe, é a primeira pessoa que estou chamando para saber o que você quer, certo? O que você quer do meu governo?”

Eu disse, “só vou te pedir uma coisa, que você faça meu irmão presidente da Assembleia [Legislativa do Paraná]” (risos), que foi inegavelmente o deputado mais votado. E ele fez. Ele foi o presidente da Assembleia. Foi a única coisa que pedi [...].(CHEDE, 1993).

⁹ Atrás das Rádios Clube, Guairacá e a Marumby na sequência.

¹⁰ Promotor Público nos municípios catarinenses de Ouro Verde e Canoinhas e Curitiba; Curador de Órfãos, Ausentes e Interditos em Curitiba; Chefe de Polícia do Paraná (1930-1934); Deputado Federal entre 1935-1939, tendo também renunciado ao mandato na legislatura 1951-1955 para assumir o cargo de desembargador do Tribunal de Justiça do Paraná, em out.1954, chegando a ser vice-presidente da Corte.

Em seguida, foi convidado pelo governador para concorrer a uma vaga no Tribunal de Justiça. Ele seria escolhido entre os nomes de uma possível lista tríplice. No entanto, declinou porque era proprietário de emissora, sendo substituído pelo seu amigo Lauro Lopes (o mesmo que intermediou a concessão da Rádio Emissora Paranaense para Nagibe).

Outro diálogo curioso de viés de patrimonialismo marcante e decisivo na trajetória de Chede na estrutura do Estado, ocorreu ainda em 1947, quando foi nomeado juiz auditor do recém-criado Tribunal de Contas do Estado (TCE), permanecendo na instituição até sua aposentadoria, em 1964:

Eu me lembro uma ocasião, era aniversário de Dona Ermínia [esposa de Lupion], Moises chamou minha falecida esposa e disse:
“- Olha Dona Sylmira, eu quero dizer para a senhora, eu não sou ingrato, eu tenho oferecido tanta coisa para seu marido e ele não tem querido”. E ela disse:
“- Olha, governador, no dia que tiver uma vaga no Tribunal de Contas ele aceita”. E aconteceu isso... (risos). *Não pedimos mais coisa nenhuma*. [...]
Eu estava no Hotel Esplanada em São Paulo e recebi um telegrama dele: “Acabo de te nomear juiz do Tribunal de Contas”.
Você vê a correção dele!. (CHEDE, 1993, grifos meus).

Em razão da sua nomeação no TCE, Nagibe passou a ser impedido legalmente de ser sócio ou acionista de empresas de radiodifusão. A solução encontrada foi transferir as suas empresas para o nome de sua esposa Sylmira.

Em um gesto contraditório ao dispositivo jurídico que impede um agente público ter vínculos formais com empresas de comunicação, em 1962, cofundou a Associação Brasileira das Emissoras de Rádio e TV que tem entre seu escopo legal a defesa dos interesses “das emissoras de radiodifusão, suas prerrogativas como executoras de serviços de interesse público [...]; postular a adoção de medidas legais e judiciais de proteção e amparo aos interesses morais e materiais da radiodifusão”.(ABERT, 2020).

Estima-se que essa atitude de escamoteamento tomada por Chede, ora sendo um integrante do Estado “preocupado” com o cumprimento legal ora legislando em interesse próprio e da categoria patronal, pode ter sido o primeiro emprego de prepostos, vulgo “laranjas” no campo midiático paranaense que viria a se tornar uma prática rotineira e colabada às políticas de comunicação.

Em 1954, o presidente Café Filho veio a Curitiba para a inauguração da sede do governo paranaense. Na solenidade Nagibe Chede entregou ao presidente uma lembrança da visita. Na

sequência pediu a liberação de uma onda curta para sua emissora Rádio Paranaense. Pouco tempo depois a nova concessão transmitiria também para todo o país.

Em 1955, foi inaugurada mais uma emissora de sons, a Rádio Curitiba, ampliando seu grupo (Organizações Nagib Chede) para duas emissoras com quatro frequências diferentes - nas faixas de onda curta (Paranaense), onda média (2, Paranaense e Curitiba) e frequência modulada (Paranaense). O conglomerado passou a ter grande repercussão na capital, tanto que no episódio sobre a votação do aumento do funcionalismo público estadual ocorrido, em julho de 1959, na Assembleia Legislativa, a emissora cobriu *in loco* das 14h às 22h o certame e obteve uma audiência perto dos 90%. (CORREIO DO PARANÁ, p. 4, 1959).

Em razão novamente da sua amizade com o governador Moisés Lupion, pertencente ao grupo político de outro amigo seu, Manoel Ribas, conseguiu que o primeiro marcasse com Juscelino Kubitschek uma audiência no Palácio Guanabara, em 1959, para requerer a primeira concessão de televisão do estado e da região Sul e a quarta do país. Pedido esse que foi aceito de imediato pelo mandante federal e operacionalizado¹¹ pelo Ministro da Viação e Obras Públicas, Ernani do Amaral Peixoto, genro de Getúlio, outro amigo de Nagib de longa data.¹² Essa prática pioneira de interferência presidencial no processo de concessão de emissora no Paraná e de moeda de troca no jogo de barganha política, característica tradicional e precursora do coronelismo eletrônico (ZAPANI, 2021) durou até 1988, quando a decisão passou a ser dividida com o Congresso Nacional.

Quando ficou confirmado que a TV Paraná (Canal 6), dos Diários Associados de Assis Chateaubriand, entraria no ar em dezembro daquele ano, Nagibe decidiu antecipar a inauguração do Canal 12 para 30 de outubro de 1960, de forma improvisada e sobretudo pioneira. A operacionalização da TV Paranaense requereu aporte financeiro que Chede não tinha, sendo necessário vender a Rádio

¹¹ Em dezembro de 1959 foi assinado o decreto presidencial outorgando a concessão da TV Paranaense. No mesmo mês foi assinado e publicado o contrato entre o Ministério de Viação e Obras e a emissora que foi registrado em 5 jan. 1960 no TCU. A Comissão Técnica de Rádio (CTR) aprovou as condições técnicas do local e dos equipamentos por meio do Parecer nº 286, 12 maio 1960 e finalmente a Portaria Ministerial de Viação e Obras Públicas nº 100, de 19 de maio, homologou o parecer da CTR e autorizou o início das transmissões. (A DIVULGAÇÃO, p.17, 1960). Todo processo não durou seis meses.

¹² Futuramente em 1961, o então senador JK receberia o título de Cidadão Honorário pela Câmara Municipal de Curitiba. Nesta ocasião, Juscelino visitaria Nagib Chede e concederia uma entrevista exclusiva ao Canal 12. O jornal A Divulgação assim descreveu o comportamento do dono da emissora: “O dr. Nagibe Chede, diga-se de passagem sempre se manifestou amigo e admirador do ex-presidente da República, de quem sempre recebeu inequívocas demonstrações de apreço e solidariedade, no transcurso de seu benemérito governo [...]” (A DIVULGAÇÃO, p. 19, 1961b).

Curitibana e ainda pedir empréstimo bancário ao seu amigo Avelino Vieira, presidente do Banco Comercial do Paraná (instituição depois incorporada pelo Bamerindus).

No mesmo ano da estreia da TV, foi eleito presidente do Graciosa Country Club (1960-1961), espaço de lazer da elite tradicional curitibana e de fonte noticiosa das principais colunas sociais dos periódicos locais.

Após sua aposentadoria no TCE, retornou ao campo midiático formalmente, restabelecendo como acionista de direito as suas emissoras, além de ter sido eleito primeiro secretário do Sindicato das Empresas de Radiodifusão do estado do Paraná (1964- 1966), sendo suplente no mandato seguinte.

Em 1969, vendeu de forma majoritária a TV Paranaense para Francisco Cunha Pereira, Edmundo Lemanski e Adolfo de Oliveira Franco, por dois milhões de cruzeiro novos (o que correspondia à época quase dezessete mil salários-mínimos), em razão de dificuldades financeiras e carência de programação. Após a negociação, Chede conseguiu junto ao Ministério das Comunicações que as concessões das três frequências migrassem da Rádio Paranaense para a Rádio Universo que foi vendida para o pastor Davi Miranda, da Igreja Pentecostal Deus é Amor, em novembro de 1982.

Nagib e João foram, de fato, os personagens da família Chede Abraão de maior destaque estadual e de poder simbólico, a ponto dos seus nomes estarem materializados em diversos espaços públicos, em uma forma de dominação simbólica:

- Rodovia deputado João Chede (PR-151), entre Ponta Grossa e Palmeira;
- Estádio João Chede, em Palmeira;
- Rua João Chede, em Curitiba;
- Praça João Chede, em Porto Amazonas;
- Prédio João Chede (sede da Parantur), em Curitiba;
- Escola Rural Municipal João Chede (desativada), em Mandirituba;
- Prédio do Fórum Eleitoral Nagib Chede, em Palmeira;
- Jardimete Nagib Chede Abraão, em Curitiba.
- Edifício Chede, em Curitiba

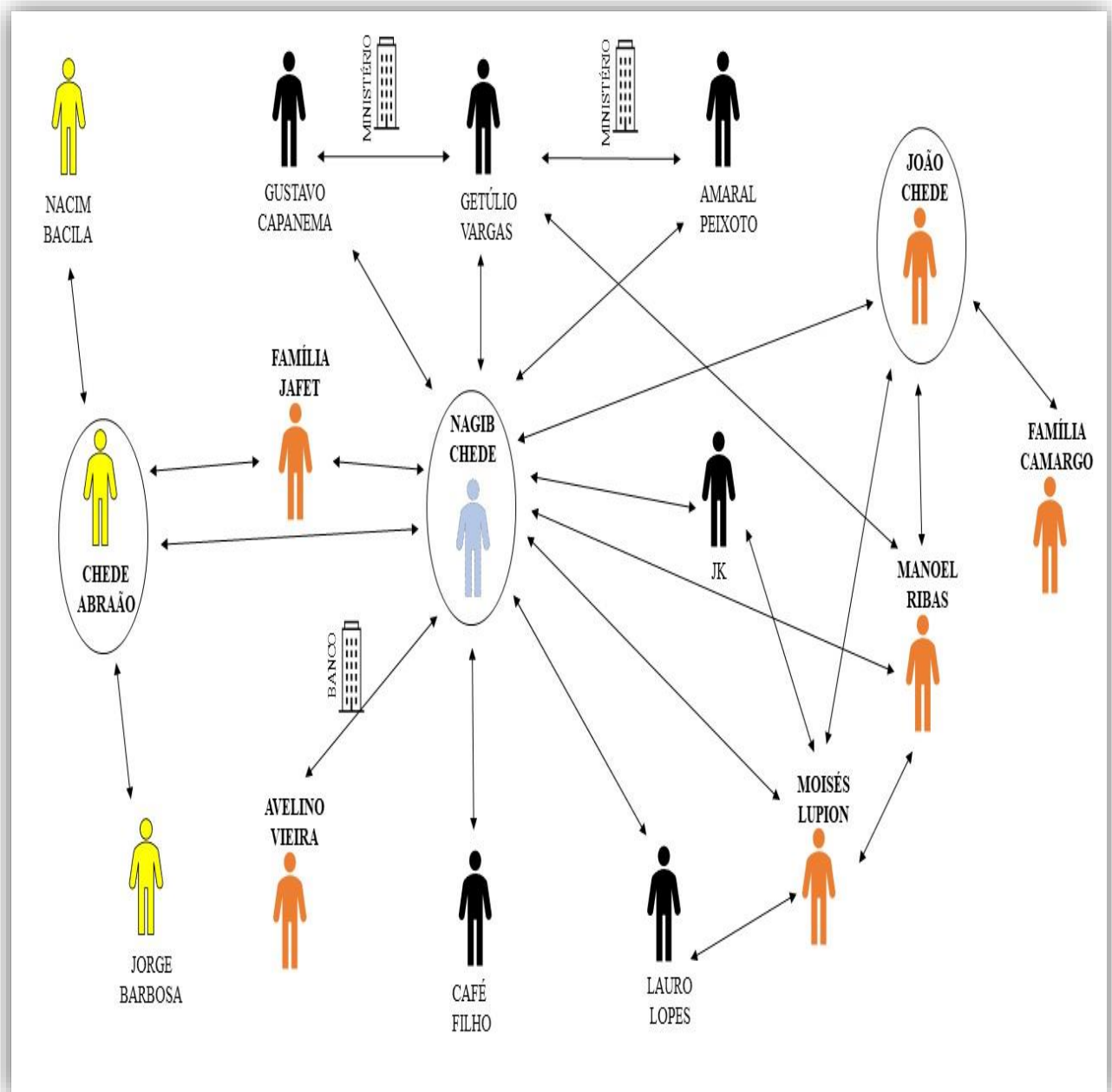
“Família ainda importa” (OLIVEIRA, 2012), baseado nessa importante premissa sociológica, busco estender um pouco a articulação da família consanguínea interpretada por Ricardo Costa de

Oliveira e tento levá-la para uma relação mais informal (ZAPANI, 2021), mais flexível, onde os laços afetivos e os de interesses mútuos se sobrepõem – a parentela de Katia Matoso (1988). Esse arranjo social é engrenagem interessante para entendermos as conjecturas de poder, a teia de capitais sobrepostos e a amplitude que esse vínculo pode alcançar. Essa relação de parentela ganha reforço no seu status de pertinência e importância na declaração do ex-presidente Lula - “Eu costumo dizer que um irmão nem sempre é um grande companheiro, mas que *um companheiro é sempre um grande irmão*”. (LULA, 2012, grifo meu).

A parentela é um arranjo social de solidariedade familiar muito mais flexível, multifuncional e pertinente para o jogo político. Nessas relações internas encontram-se não só os vínculos genealógicos formais e sanguíneos de pais, avós, filhos e sobrinhos, mas também os vínculos ilegítimos como os filhos fora do matrimônio, os por afinidade, irmãos de consideração, afilhados, filhos de afilhados, vínculos espirituais, agregados e até os casos da relação de uma determinada pessoa se considerar parente mesmo sem o reconhecimento de parentesco de outrem. Nesse conceito, as relações consanguíneas não constituem razões exclusivas de parentesco, laços de apadrinhamento, proximidade e lealdade são fatores importantes para a formação solidária de um grupo familiar. É a partir da parentela e toda sua flacidez organizacional que se consegue entender a cultura dos favores, do clientelismo e do patrimonialismo em diversas instâncias do Estado, formando uma rede social e política de interesses.

Parte desses acertos informais foram descritos em breves passagens empíricas da família Chede, principalmente com o representante político João e o “homem de negócios” Nagibe, e que podem ser demonstradas graficamente visando mostrar a rede de interesses, influência e a sobreposição de capitais (figura 2)

FIGURA 2 – ESTRATO DA REDE DE PARENTELA. INFLUÊNCIA E PODER DE NAGIB CHEDE



Fonte: Zapani (2021).

Nota: NACIONAL REGIONAL LOCAL

Considerações Finais

A família síria Chede, principalmente com os descendentes palmeirenses João e Nagibe, teve protagonismo no cenário paranaense, vindo a ter projeção social e interferir em questões política e na opinião pública em razão das suas presenças em espaços referentes à sociedade civil e política, chegando a ocupar posições de destaque como representantes da classe dominante paranaense.

Nagibe se fez conhecido principalmente pelo seu pioneirismo na radiodifusão televisiva no Paraná, pelo seu protagonismo inovador em utilizar prepostos na direção de emissoras de radiodifusão a fim de burlar dispositivos jurídicos (prática comum e quase indissociada do campo comunicacional até hoje) e de forma precursora pelos acordos clientelares na concessão de emissoras feitos diretamente com o chefe do executivo nacional, sem intermediação, comuns até então, com assessores de gabinete da presidência da República ou membros da Comissão Técnica de Rádio do Ministério da Viação e Obras Públicas. Nagibe Chede também foi membro do Tribunal de Contas e seu irmão presidente da Assembleia Legislativa. O que tinham em comum – “amigos”, daqueles com “correição”, e Nagib uma esposa, que sabia pedir.

Por fim, a família/ parentela Chede foram fundamentais para consolidar a posição de dominância que ambos conseguiram conquistar fruto de diversos acordos informais que tiveram também sobrepostas à estrutural estatal, à sociedade civil e aos interesses individuais escamoteados.

Referências

ABERT. Associação das Emissoras de Rádio e TV. **Missão**, 2020. Disponível em: <https://www.abert.org.br/web/quemsomosnew/diretoria/missaoabert.html>. Acessado em: 18 jan. 2021.

A DIVULGAÇÃO. **TV Paranaense – Canal 12, da Emissora, uma pujante realidade**. A Divulgação, nº 146, p.16, maio 1960.

_____. **Nagibe Chede: pioneirismo na radiofonia paranaense**. A Divulgação, nº 156, p.17, mar.1961.

_____. **Juscelino Kubitschek na TV Canal 12**. A Divulgação, nº 165, p.24, dez.1961b.

ARAB NEWS. **Tiffany Trump poses with Lebanese boyfriend**. Arab News, 2019. Disponível em: <https://www.arabnews.com/node/1431716/art-culture>. Acesso em: 24 jan. 2021.

CHEDE, N. **Entrevista de Nagibe Chede ao jornalista Aramis Milarch**. Tabloide Digital, 1985. Disponível em: <https://www.milarch.org/audio/nagib-chede>. Acesso em: 19 jan. 2020.

_____. **Nagibe Chede Abrahão - Memória Viva**, 1993. Disponível em: <<http://memoriasparana.com.br/nagib-chede-1993/>>. Acesso em: 17 jan. 2020

CORREIO DO PARANÁ. Com a cobertura da votação do funcionalismo público estadual, as rádios Curitiba e Emissora Paranaense conseguiram 90% da audiência em Curitiba. Correio do Paraná, p. 4, 8 jun. 1959.

LULA, L. **Programa do Ratinho**, SBT TV, 31 maio 2012. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=hskLVRXnuts&t=18s>>. Acesso em: 2 ago. 2020.

MATTOSO, K. **Família e sociedade na Bahia do século XIX**. São Paulo: Curripio, 1988.

NEGRÃO, F. **Genealogia paranaense**. Curitiba: Imprensa Paranaense, v.5, 1946.

O DIA. **Enérgica resposta do interventor**. O Dia, p.8, 13 jan. 1933.

OLIVEIRA, R. **Na teia do nepotismo – sociologia política das relações de parentesco e poder político no Paraná e no Brasil**. Curitiba: Insight, 2012.

ROMAGUERA NETTO, L. **Histórias do Paraná – o padre Camargo**. 300 e tantas histórias do Paraná, 9 jul. 2014. Disponível em: <http://historias-parana.blogspot.com/2014/07/hist-do-paran-o-padre-camargo.html>. Acesso em: 3 fev. 2021.

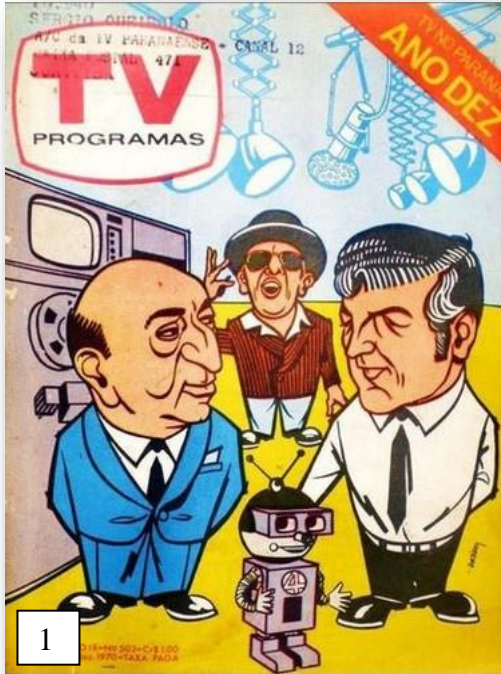
SAHD, F. **Patriarca e coronel Nacim Bacila: história familiar através de uma biografia (1878-1948)**. Monografia (História) – Universidade Federal do Paraná, 2007.

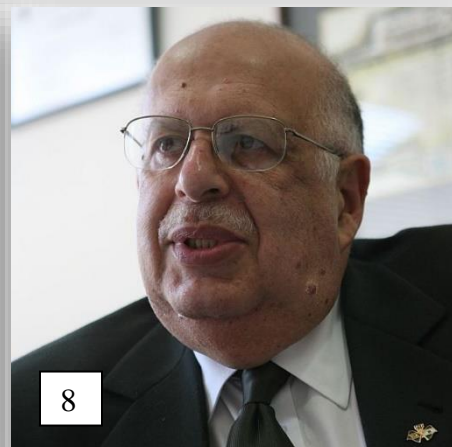
ZAPANI, André K. **Coronelismo Eletrônico no Paraná: Estado, mídia e parentelas em querelas (nada) rastaqueras**. Tese (Sociologia) Universidade Federal do Paraná, 363p., 2021.

Recebido em: 27 out. 2021.

Aceito em: 30 nov. 2021.

Anexo - Imagens da família Chede





- FOTO 1 Caricatura de Nagibe na capa da Revista TV Programas, em 1970.
FOTO 2 Capa TV Programas na época do lançamento do VT, em 1980
FOTO 3 Nagibe em discurso de estreia da TV Paranaense, em 1960
FOTO 4 Vilma Saboia, Judiosa Chede e João Chede, em 1988
FOTO 5 Deputado Estadual João Chede, durante o segundo mandato na ALEP, em 1950
FOTO 6 À esquerda: Síria Chede Correa e Castro, Yara Gazal e Jocely Duarte, em 1984, na Sociedade União Juventus
FOTO 7 Estádio João Chede, em Palmeira, 1970
FOTO 8 Jonel Chede, em 2009

FONTES: Correio de Notícias, ALEP, RPC